

Resumo

O objetivo desse artigo é discutir sumariamente o processo de criação sócio histórico do ambiente no qual Técnica e Ciência se formam e como este ambiente produtivo dialoga com a produção na Ciência da Informação e, em especial, na Arquivologia. Como estrutura metodológica apresenta um diálogo epistemológico e sócio histórico nos quais o destaque dos conceitos de técnica, ciência e tecnologia por autores basilares no campo da interpretação crítica do surgimento da sociedade moderna ajudam a orientar questões de fundo sobre o posicionamento da Ciência da Informação no geral, e da Arquivologia em especial, no tocante ao relacionamento da convivência com a tecnologia. As reflexões aqui realizadas aconteceram como pressuposto inicial nas discussões da mesa-redonda Pesquisa e Tecnologia: reflexões para a Arquivologia por ocasião do VIII Seminário de Saberes Arquivísticos - SESA, ocorrido em agosto de 2017, na UFPB.

Palavras-chave: Arquivologia. Ciência da Informação. Ciência. Tecnologia.

Abstract

The purpose of this article is to briefly discuss the process of socio-historical creation of the environment in which Technique and Science are formed and how this productive environment dialogues with the production in Information Science and, especially, in Archivology. As a methodological structure it presents an epistemological dialogue and historical partner in which the emphasis of the concepts of technique, science and technology by basic authors in the field of critical interpretation of the emergence of modern society help guide fundamental questions about the positioning of Information Science in general, and Archivology in particular, regarding the relationship of coexistence with technology. The reflections made here took place as an initial assumption in the discussions of the Round Table Research and Technology: reflections for Archivology on the occasion of the VIII Seminar on Archival Knowledge - SESA, held in August 2017 at the UFPB.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é discutir sumariamente o processo de criação sócio histórico do ambiente no qual Técnica e Ciência se formam e como este ambiente produtivo dialoga com a produção na Ciência da Informação e, em especial na Arquivologia.

As reflexões aqui realizadas aconteceram como pressuposto inicial nas discussões da mesa-redonda **Pesquisa e Tecnologia: reflexões para a Arquivologia** por ocasião do VIII Seminário de Saberes Arquivísticos - SESA, ocorrido em agosto de 2017, na UFPB. Duas propostas foram apresentadas: a Estrela de Davi, do grupo de pesquisa em Arquivologia e Sociedade da Universidade Estadual da Paraíba - GPAS-UEPB, e a IARS (Isabel Alarcão *Research Software*®), produzida pelos professores da Universidade de Aveiro.

Embora a discussão dos palestrantes estavam pautadas em apresentar softwares como facilitadores da pesquisa para orientadores e orientandos, a ideia inicial da discussão foi um diálogo epistemológico e sócio histórico nos quais o destaque dos conceitos de técnica, ciência e tecnologia por autores basilares no campo da interpretação crítica do surgimento da sociedade moderna ajudam a orientar questões de fundo sobre o posicionamento da Ciência da Informação no geral, e da Arquivologia em especial, no tocante ao relacionamento da convivência com a tecnologia.

A intenção aqui é registrar que a tecnologia é uma aliada essencial; entretanto é necessário olhar para os aspectos sócio históricos que alimentam e estruturam a pesquisa nas diversas áreas, com destaque aqui a área de Comunicação e Informação.

CIÊNCIA E TECNOLOGIA SOB UMA PERSPECTIVA SÓCIO HISTÓRICO

A realidade tem sua produção baseada em processos sociais de âmbito fenomenológico com apresentado por Max Weber em *Economia e Sociedade* (WEBER, 2000), segundo este, o núcleo de fundação da sociedade é o sentido inerente a ação social que pode ser captado e interpretado pelos agentes em suas relações. Ainda no âmbito desta afirmação, podemos também concordar com Peter Berger e Thomas Luckmann (BERGER; LUCKMANN, 2014), quando dizem que tanto a Realidade como o Conhecimento têm como base de sua elaboração as práticas sociais cotidianas, dessa forma, por mais elementar que possa soar a afirmação, sociedades com diferentes bases sociais, tenderão a desenvolver diferentes visões de mundo, ou em outras palavras, formas de Conhecimento desta realidade.

Esta é a base da Sociologia do Conhecimento que os autores supracitados desenvolvem, cabe em nosso ambiente ligado à produção na Ciência da Informação e, em especial na Arquivologia, nos questionar qual a base tanto epistemológica (MATOS, 2012), quanto Técnico-Científica (OLIVEIRA, 2008). Eva Aparecida Oliveira nos lembra que o desenvolvimento histórico das tecnologias de comunicação e informação para ser compreendidos precisam ser tomadas a partir da interpretação de seus condicionamentos sociais, políticos e culturais. A técnica entendida como a forma mais ancestral de intervenção do homem sobre a natureza, adquire formas diversificadas em sua aplicação na transformação do meio a partir das formas históricas que as sociedades engendram para a produção de sua realidade social, a cada momento histórico uma forma específica de Técnica, de Ciência e de Tecnologia se forma concomitante com uma forma de conhecê-los.

Desta fórmula podemos então concluir que para cada momento de organização paradigmática do conhecimento científico válido (KUHN, 1994) existe também uma série de arranjos sócio históricos para sua legitimar e possibilitar sua legitimação, produção, reprodução e distribuição material. No âmbito destas breves considerações deste artigo, consideramos

fundamental que a Arquivologia no momento de atual confirmação e expansão de sua área de atuação possa dialogar conceitualmente com outras áreas do conhecimento como a História, a Sociologia, Filosofia, Linguística entre outros tanto para poder ter mais clareza na compreensão dos sentidos contidos em seu desenvolvimento, quanto para aumentar as potencialidades decorrentes de sua prática.

Em outras palavras, a prática interdisciplinar e transdisciplinar tende a ser marca cada vez mais presente em uma Arquivologia que consegue ter clareza de sua inserção em um mundo em mudança constante as quais estas definem maneiras específicas de atuação e significação do mundo. Parte da atuação da Arquivologia está assentada na técnica, mas esta não pode ser entendida como algo fechado em si, mas antes como parte de um todo de matiz histórico-social compreendido a partir da tecnologia, ou, a forma social de produção e uso da técnica. Oliveira (2008) nos lembra que o sentido de Técnica como forma de atividade humana de transformação do mundo está associada também à palavra grega “techné”. Segundo a autora, “é caracterizada como uma conduta certa, em uma atividade específica e que subordina a uma série de conhecimentos repassados através da educação.

Esse saber não precisa ser teórico, embora, às vezes, se baseie na observação direta dos fatos” (OLIVEIRA, 2008, p. 5). A “techné” portanto possui uma dimensão muito mais operativa do que a “técnica” em geral que poderia ser associada aos aspectos mágicos de atuação sobre a natureza. A “techné” portanto estará presente no âmbito da formação da burguesia (OLIVEIRA, 2008) na transição do velho mundo para a modernidade como uma forma lógica, racional de atual com correspondente sucesso nas áreas do comércio e finanças, e também, no domínio do poder político de uma nova classe social e na irresistível mudança social decorrente.

Um aspecto crítico associado a nova hegemonia da “techné” sobre o antigo sentido grego de Ciência e seu contexto prático eivado pela contemplação e, ou pela magia, é que esta objetividade, distanciando-se da filosofia, funda um novo tipo de homem e uma nova forma de percepção da natureza. Mais objetiva e, portanto, mais produtiva. É irresistível não traçar um paralelo com a leitura feita por Adorno e Horkheimer no seu a Dialética do Esclarecimento (ADORNO, HORKHEIMER; 1985) quando afirmam que a função do Esclarecimento é evitar o medo da natureza e, portanto, buscar a emancipação humana, mesmo que com isso incorra no auto aprisionamento das formas de conhecer, incorrendo a humanidade em um aprisionamento auto imposto.

Experimentamos a inquietação de Ulisses, eleito por Adorno e Horkheimer, o herói mitológico do Esclarecimento, quando, em favor da manutenção objetivo do empreendimento de retorno a sua terra, obstruí ele mesmo os ouvidos dos seus marinheiros com cera para que não ouçam o perigoso canto das traíçoeiras sereias e desviem a rota do navio para o desastre certo junto aos escolhos. Ele dá ordem para que o amarrem ao mastro e só desamarrem quando tivessem passado o perigo. Ulisses é exposto ao som do canto das sereias e grita desesperado para que seus marinheiros o desamarrem, mas este não podem obedecê-lo pois não o ouvem. E assim escapam ao perigo e o empreendimento é salvo.

A racionalidade, objetividade presentes na condução do projeto faz de Ulisses um vencedor, ao mesmo tempo que decreta sua tragédia ao se fazer imune aos encantos que não mais serão percebidos e, portanto, desaparecerão. A percepção melancólica do Desencantamento do Mundo desenvolvido por Max Weber em a Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo (WEBER, 2004) como o primado social das ações racionais direcionadas para um fim, tal como presente na Ciência moderna e no desenvolvimento de um mundo cada vez mais tecnológico,

estão presentes segundo Adorno e Horkheimer, já esfera de atuação do Mito como organizador do conhecimento e do controle da humanidade sobre a natureza.

Como pesquisadores no Campo das Ciências da Informação e na esteira do pensamento crítico sobre a produção da Ciência e da Técnica esboçadas até aqui devemos questionar nossa posição enquanto pesquisadores e docentes frente a necessidade de estabelecer e adotar os conceitos e as tecnologias para darem conta do real. Olhamos ao redor e pensamos: vivemos uma sociedade Pós-Moderna, Pós-Industrial, Modernidade Líquida, Tardia, Sociedade da Informação? A quais estruturas econômicas e quais os significados históricos sociais aos quais elas servem? Quais suas bases epistemológicas? A quem servem em termos da produção ampliada do capital em termos de uma sociedade globalizada?

A Tecnologia como fruto em parte da fusão da Ciência com nossa insistência de buscar sentido para nossas ações e para o ambiente ao nosso redor. E por outro lado pelo acúmulo de conhecimento e demandas típicas da modernidade inaugura uma nova sensibilidade de nossa relação direta com a duração e a historicidade. Nossa capacidade criar gera novas formas de produzir o real, como também de se apropriar do mesmo através do mercado. Em face dos conflitos e muitas vezes graves problemas advindos do progresso capitaneados pelos usos e abusos das novas tecnologias da informação e comunicação, perguntamos: Em que medida as tecnologias estão a serviço de interesses setoriais específicos e grupos hegemônicos bem delimitados? Nas práticas científicas o quanto elas estarão alinhadas com uma perspectiva emancipatória da humanidade, portanto menos alienante em relação a dimensão unidimensional do mercado?

Na idade moderna uma nova Ciência e uma nova tecnologia inauguram novas práticas sociais, sensibilidades, estratificações e métodos. Na Modernidade “Saber é Poder” e a duração, o tempo é dinheiro. A tecnologia como novo poder também se investe do poder político como um desiderato Bacon-Cartesiano de controle, cada vez mais Ciência e Técnica no mundo moderno escravizam a razão em função de objetivos utilitários e a Ciência da Informação e a Arquivologia não podem ficar alheias a esse componente sob o risco de terem seu desenvolvimento tolhido pelas limitações do próprio sistema de produção de valor.

Numa perspectiva Marxista, Tecnologias são forças produtivas com predomínio do mercado globalizado determinando a predominância de uma tecnocracia global economicamente orientada. Nesse contexto, ouvir autores como Jean Baudrillard (*A Sombra das Maiorias Silenciosas*), Michel Foucault (*Vigiar e Punir/A Microfísica do Poder*) e Pierre Bourdieu (*Poder Simbólico e Economia das Trocas Simbólicas*) para citar apenas alguns títulos e autores no campo das Ciências Sociais, é básico para evitar a armadilha da homogeneização das leituras.

Mais recentemente, autores como David Harvey (*A Condição Pós Moderna*), Manuel Castells (*A Sociedade em Rede*) e Zygmund Bauman (*A Modernidade Líquida*) (entre outros) podem nos ajudar a pensar dentro do campo epistemológico próprio da Ciência da Informação, e da Arquivologia em especial, a rever o tempo e o lugar socialmente localizados de suas práticas e destinações e assim, pensar-se metodologicamente e epistemologicamente em função da elaboração de tecnologias que apontem para um horizonte de formação de uma sociedade mais justa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A guisa de conclusão, no âmbito da discussão introdutória proposta para a mesa-redonda **Pesquisa e Tecnologia: reflexões para a Arquivologia**, podemos destacar a ampliação das

possibilidades de entendimento das novas demandas de pesquisa e das novas possibilidades de atuação tecnológica da Ciência da Informação e da Arquivologia com as metodologias aqui apresentadas (Estrela de Davi e IARS-Isabel Alarcão *Research Software*®), buscando assim, conhecer melhor as bases sócias históricas de definição de seus problemas de pesquisa oferecendo melhores respostas tecnológicas aos desafios das transformações aceleradas da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **A dialética do esclarecimento**. Zahar: Rio de Janeiro, 1985.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Vozes: Petrópolis, 2014.
- KUHN, T.S. **A estrutura das revoluções científicas**. Perspectiva: São Paulo, 1994.
- MATOS, M. T. N. de B. A evolução dos arquivos e do conhecimento em Arquivologia. In. **RICI – Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**. Brasília, v. 5, n.2., 2012. Disponível em: < <http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/8000/6573> >. Acesso em 16 de outubro de 2017.
- OLIVEIRA, E. A. A técnica, a techné e a tecnologia. In. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG**. Jataí, v. II, n. 5, 2008. Disponível em: < www.revistas.ufg.br/rir/article/viewFile/20417/19175 >. Acessado em 16.10.17.
- WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 10ª ed. Pioneira. São Paulo, 1996.
- _____. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. v. 1, 4ª ed. Brasília: UNB, 2000.